





# O LIVRO DO ANJO

Do Autor:

*Bodhi Tree*

*Aritmia Letale*

*Café Nopal*

*Duri di Cuore*

*Il Candidato*

*Cuore di Ferro*

*I Discepoli del Fuoco*

*La Porta del Paradiso*

Alfredo Colitto

# O LIVRO DO ANJO

Tradução  
Maria Irene Bigotte de Carvalho

CLUB  
DE  
AUT  
OR

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.  
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

© 2011, Alfredo Colitto  
Direitos para esta edição:  
Clube do Autor, S. A.  
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º  
1050-019 Lisboa, Portugal  
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21  
info@clubedoautor.pt

Título original: *Il Libro dell'Angelo*  
Autor: Alfredo Colitto  
Tradução: Maria Irene Bigotte de Carvalho  
Revisão: Silvina de Sousa  
Paginação: Maria João Gomes,  
em caracteres Revival  
Impressão: Guide – Artes Gráficas (Portugal)

ISBN: 978-989-724-074-4  
Depósito legal: 358356/13  
1.ª edição: Junho, 2013

[www.clubedoautor.pt](http://www.clubedoautor.pt)

Para Ana Luz,  
a mulher que eu queria



## Prólogo

Veneza, segunda-feira, 7 de maio de 1313

Naquela manhã, depois de uma noite de chuva intensa, Veneza despertou bem, tranquila e com um sol brilhante que iluminava as ruas e a lagoa. Do nicho elevado onde dormia, Agostino observou a Praceta de São Marcos e logo se apercebeu de que a maré subira durante a madrugada como o siroco da noite anterior fizera prever. Nesse dia, a limpeza iria requerer, certamente, mais trabalho e tempo do que o habitual: a maré alta deixava sempre pelas ruas uma enorme quantidade de lixo. De súbito, avistou umas trouxas de roupa a poucos braços do mar, na direção das colunas de São Marcos e de São Teodoro. Viu uns festões de algas, umas tábuas e mais qualquer coisa indefinida presa às ditas tábuas. Calculou mentalmente a distância entre aquele lixo e o muro da igreja e concluiu que não era da sua conta. O acordo com os monges era muito preciso: em troca de uma tigela de sopa minestra duas vezes ao dia e do privilégio de poder dormir dentro de um nicho que outrora alojara uma estátua, Agostino teria de limpar, diariamente, o perímetro da Basílica de São Marcos, até uma distância de dois braços do muro. E aquele monte de lixo encontrava-se pelo menos a uns sete braços. Era, portanto, da conta dos varredores da Sereníssima.

Levantou-se com dificuldade, massajando os rins doridos, e preparou-se para descer. Gostava de despachar o trabalho rapidamente para depois descansar e contemplar o seu território, o único espaço aberto de Veneza que, de tão grande, merecia a designação de praça. Todos os outros eram chamados muito justamente de campos e, de pequenos campos, porque a maior parte das vezes estavam cobertos de erva. Praça pavimentada havia apenas uma: a de São Marcos, com a praceta contígua que ia até à beira da lagoa. E ele, Agostino, sentia-se orgulhoso do nome com que as pessoas o tinham batizado: Agostino de São Marcos. Parecia mesmo um título nobiliárquico.

Recolheu num canto do nicho toda a palha sobre a qual dormia, cobriu-a com uns farrapos e colocou por cima duas pedras de modo a que o vento não os espalhasse e as gaivotas não os sujassem.

Depois desceu do nicho, uns bons cinco pés acima do chão, levando às costas a sua vassoura de sorgo. Antes de começar, porém, decidiu dar uma espreitadela naquelas imundices. Quem sabe se no meio da madeira e das algas não encontraria alguma coisa de valor que pudesse vender? Ninguém o vira. Àquela hora, tirando ele, só os monges e as gaivotas estavam acordados.

Aproximou-se a passos rápidos, apoiando-se na vassoura como se fosse um bastão. Na realidade, viria ele a contar depois, quando o seu nome andava já de boca em boca e as pessoas faziam gala em pagar-lhe um copo para ouvir a história, dera-se conta, quase imediatamente, do que se tratava, mas o horror da cena era tal, que São Marcos em pessoa teria intervindo para lhe obscurecer o pensamento de modo a impedir que o pobre servo enlouquecesse. Na verdade, Agostino ficara com a impressão de ter compreendido, aos poucos, que as tábuas eram cruces, que os festões de algas estavam presos a uma grossa amarra enrolada em volta da madeira, e que as trouxas informes cravadas nas cruces eram corpos humanos, pequenos e inchados pela água, mas tão bem proporcionados que não podiam ser de anões.

Só então, gritando por socorro na praça deserta, Agostino deixara cair a vassoura e correr para avisar os padres da basílica: a maré alta trouxera à superfície os corpos de três crianças crucificadas, cada uma delas com um buraco nas costelas como Nosso Senhor.

# I

Bolonha, sábado, 12 de maio de 1313

Mondino de Liuzzi, médico anatomista do Studium de Bolonha, sempre achara que uma decisão como a de partir em viagem devia ser bem ponderada. E no entanto, poucas horas depois de ter recebido o pedido de ajuda de Adia, já fizera as malas, confiara a escola de medicina ao tio Liuzzo e o cuidado da casa a Gabardino, o seu primogénito, e até conseguira uma carta de recomendação do chefe do Conselho dos Anciãos para os notáveis de Veneza.

Antes de partir faltava apenas fazer uma coisa, a mais difícil, e que, por isso, deixara para o fim.

Dedicara um cuidado especial à vestimenta para a viagem. Precisa-se de fatos cómodos mas bem feitos. Era uma lição que aprendera durante os anos de exílio em Faenza: quando um homem se encontra fora do seu ambiente, são os fatos que falam por si, provocando nos outros respeito ou desprezo.

Não aprovava a nova moda masculina que tendia para encurtar cada vez mais as vestes, e não considerava digno de um médico andar pela rua com calças até às coxas ou com calças de riscas de várias cores. Mas, na galé que o conduziria a Veneza, também não podia usar as vestes vermelhas de médico. Essas iam guardadas na mala.

Por fim escolhera uma túnica cor de ameixa, enriquecida com dois galões dourados que dos ombros desciam até à bainha, abaixo da barriga da perna. Debaixo da túnica vestia um par de calças pretas e botins de couro macio até ao tornozelo.

Antes de sair viu-se ao espelho de prata bem polido pendurado na parede. Alto e magro, com os olhos verdes, a testa alta e os cabelos castanhos ondulados, era considerado um belo homem e, desde que, uns anos antes, ficara viúvo, um ótimo partido. Mas estava prestes a casar-se novamente e os pais da noiva tinham-lhe feito um convite.

Tentou sorrir, mas o espelho devolveu-lhe uma expressão tensa. Sentia-se nervoso, não por causa da viagem, mas pelo que ia fazer antes: dar a notícia à noiva e ao pai dela, exatamente no dia em que tinham combinado fixar a data do casamento.

Vestiu um casaco preto com capuz, leve mas útil para se proteger das intempéries primaveris, e desceu até ao pátio. Ordenou ao criado Pietro que arrumasse a mala na carroça enquanto se despedia dos filhos, assegurando-lhes que voltaria em breve.

Subiu para a carroça e sentou-se em cima da mala coberta com a tela encerada, enquanto Pietro se montava na sela do cavalo baio.

Pouco depois, o criado deixou-o em frente do palacete de Gandone de Gandoni e continuou para o porto de Corticella, onde iria providenciar o transbordo da bagagem numa galé fluvial.

Embora pensando e repensando que a sua viagem não escondia nada de reprovável, Mondino não se sentia muito à vontade.

Tinha pena, na verdade, que Gerardo de Castelbretone, o jovem ex-templário com o qual estabelecera um laço de profunda amizade, não pudesse acompanhá-lo a Veneza. Preferia não fazer sozinho uma viagem que a sua consciência não conseguia justificar totalmente. Quando fora procurá-lo, assim que tomara a decisão de partir, Gerardo recebera-o vestido como um janota e recusara-se a acompanhá-lo, evocando um pretexto que lhe soara a falso.

Mondino mostrara-se ofendido e só então o rapaz lhe dissera a verdade: estava incumbido de uma missão de que não podia falar-lhe. Mencionara entretanto espias franceses que o mantinham sob vigilância. Mondino deixara-lhe o endereço do lugar onde poderia

encontrá-lo em Veneza caso mudasse de ideias, e fora tratar da carta de apresentação.

Em casa de Gandone, fora acolhido sem cerimónias, como um membro da família. Era o que mais lhe agradava, o ambiente tranquilo que sempre envolvia as suas visitas. Uma criadita acompanhou-o até à grande cozinha pavimentada com tijolos, onde Gandone em pessoa, com os seus gordos braços brancos nus até aos cotovelos, se dedicava a dar instruções à cozinheira, por entre uma babel de ruídos dominada pelo grasnar desesperado de uma pata a quem estavam prestes a cortar o pescoço. O patrão aproveitou para lhe perguntar se gostava de pata com molho de ervas e vinagre.

Só então Mondino percebeu que, embora não o tivessem convidado, davam por certo que ficaria para o jantar, para festejar a marcação da data do casamento. Toda a alegre agitação que reinava na cozinha parou repentinamente quando disse:

— Perdoem-me, mas não posso aceitar o convite. Estou de partida para Veneza.

— Logo hoje? — perguntou Gandone, com uma expressão sombria. — Pensei que a reunião em que vamos decidir a data do casamento com a minha filha tivesse também alguma importância para vós. — Seguiu-se um momento de silêncio pesado, no qual nem a pata ousou grasnar, depois acrescentou: — Ou mudastes de ideias?

— Não mudei de ideias sobre coisa alguma — apressou-se Mondino a responder. Pareceu-lhe adivinhar, além do alívio de Gandone, uma certa desilusão por parte da criadagem, que, como é evidente, já esperava um desfecho dramático. — Uma pessoa que me é querida está gravemente doente e tenho de partir com a máxima urgência para tentar uma *cura in extremis*. Soube-o há poucas horas e não tive tempo de vos prevenir.

Não disse que a pessoa em questão era uma mulher que outrora amara e da qual não recebia notícias havia algum tempo. E omitiu o motivo pelo qual não hesitara em aceitar o pedido de ajuda, que tinha que ver também com as origens dos Liuzzi, um facto que o futuro sogro conhecia, mas do qual era melhor não se falar mais.

Na realidade, Adia não falara da sua doença na carta que lhe enviara naquela manhã por um jovem judeu de nome David.

*O pai deste rapaz é acusado de um homicídio horrível que não cometeu, e arrisca-se a pagá-lo com a vida, dizia a carta. Só vós podereis ajudar a provar a sua inocência. Em nome do que nos uniu e que talvez ainda nos una, peço-vos que venhais o mais depressa possível.*

Mondino ficara perturbado por ver a carta de Adia numa folha de papel, por aquele apelo desesperado e pela resposta que o rapaz lhe dera quando lhe perguntara por Adia.

— Está doente com febre terçã — respondera. — Os médicos dizem que lhe resta pouco tempo de vida. Alguns meses, talvez um ano, ano e meio, com sorte.

— Quereis fazer o favor de me responder? — Ouviu a voz de Gandone como que ao longe.

— Desculpai, estava a pensar. O que me haveis perguntado?

O que o perturbara mais fora a força das emoções que o tinham assaltado ao ouvir a notícia da doença de Adia. Fora por isso, mais do que pelo desejo de salvar da forca um homem que não conhecia, que se decidira a partir de imediato.

— Foi só para isto que viestes? Eis o que vos perguntei. — O tom frio da pergunta, tão estranho em Gandone, trouxe-o rapidamente ao presente.

— Vim porque nada é mais importante para mim, neste momento, do que fixar a data do casamento — apressou-se a responder. — Peço-vos que me perdoeis por não poder ficar para o jantar. Dentro de poucos dias estarei de novo aqui, e tudo acontecerá como previsto.

Gandone anuiu, mais tranquilo, e quando voltou a olhar para os cozinheiros e familiares, todos retomaram a atividade que fora interrompida.

— Segui-me — disse, baixando as mangas arregaçadas da vestimenta caseira. — Vamos falar em privado.

Atravessaram o salão até ao cómodo gabinete iluminado pela luz da tarde e sentaram-se à mesa de cerejeira atulhada de amostras

acabadas de chegar de Marraquexe. Gandone era um comerciante de especiarias, essências e substâncias medicinais que importava do Oriente e de muitas outras regiões, enquanto os Liuzzi eram médicos e farmacêuticos. Até por isto, o casamento de Mina e de Mondino era visto com bons olhos por ambas as famílias.

No entanto, a despeito do que outros poderiam pensar, tratava-se de um casamento por amor.

A conversa correu melhor do que se esperaria. Já haviam combinado os vários aspetos práticos e económicos, assim, nada mais fizeram do que ultimar alguns pormenores. Gandone insistira para que o casamento se realizasse logo que possível, pelo que tinham acordado a data para o quarto domingo depois de Pentecostes, que coincidia ainda com a Lua em quarto crescente; portanto, um bom auspício para o casamento. Mondino gostaria de adiar um pouco, mas preferiu não esticar demasiado a corda. Para o referido domingo faltavam quase dois meses, por isso, mesmo contando com a sua imprevista viagem a Veneza, havia ainda tempo para preparar tudo com calma.

— A minha mulher e a minha filha, como sabeis, estão a organizar o banquete e a cerimónia nupcial — disse Gandone. — Eu cobrirei as despesas, de acordo com o que combinámos. Vós apenas tereis de não faltardes, aconteça o que acontecer.

— Tendes a minha palavra — respondeu Mondino, sem hesitar.

— Se tiverdes necessidade de qualquer ajuda em Veneza — prosseguiu Gandone —, recorrei, em meu nome, ao senador Filiberto de Mosto ou à família De Zara. Há muito tempo que tenho negócios com eles e estou certo de que tanto uns como outros vos atenderão com a máxima consideração.

— Agradeço-vos — respondeu Mondino. — Espero, todavia, que não seja necessário. Agora poderei falar com Mina, por favor? Queria que ela ouvisse a notícia da minha viagem diretamente da minha boca.

— Temeis que eu possa não lhe transmitir exatamente as vossas palavras?

Mondino teve de fazer um esforço para se conter. Gandone exagerava.

— Nada disso, só quero falar com a minha futura mulher antes de partir — disse, num tom seco.

Não chegou a saber a resposta de Gandone porque nesse momento a jovem irrompeu pelo gabinete. Calçava babuchas vermelho-escuras, vestia um fato sem mangas de um lilás pálido, franzido e cingido na cintura por um cinto da mesma cor dos sapatos, bem apertado. Não usava véu nem chapéu, e os cabelos louros presos de forma descuidada no alto da cabeça deixavam fugir, aqui e ali, alguns caracóis. Atrás dela, uma velha criada, com um casaco adamascado, segurava uma capa com a qual procurava inutilmente cobrir os braços nus. Mina devia ter-se precipitado para o gabinete mal soubera da notícia, sem se preocupar com o facto de ainda não estar arranjada. A *toilette* incompleta, em vez de lhe dar um aspeto desleixado, ainda lhe realçara a beleza.

— Quero saber o que está a acontecer — disse à maneira de cumprimento, fixando ora o pai ora Mondino. — E quero sabê-lo já.

— Claro, minha filha — interveio Gandone, pondo-se em pé. — Ia agora mesmo mandar-te chamar. Vou cuidar dos preparativos para o jantar. Festejaremos como estava combinado mesmo na ausência do senhor De Liuzzi.

Saiu da sala apressado, não sem antes travar, com um gesto, a velha criada que se preparava para o seguir.

— Tu ficas — disse. — Não os deixes sozinhos nem por um instante.

Mondino mostrou-se aborrecido com a evidente falta de confiança, embora compreendesse a necessidade de salvaguardar as aparências. No entanto, de repente, a criada desapareceu como por magia, juntamente com a mesa do gabinete, as secretárias e os documentos arrumados numa prateleira ao lado da janela, e à sua frente ficaram apenas os olhos cinzentos de Mina. Esperava uma pergunta ou até uma série delas, mas ela permaneceu em silêncio, um silêncio pesado, limitando-se a fixá-lo, à espera.

Cada vez mais irritado consigo próprio por aquela situação ridícula, Mondino repetiu-lhe o que já dissera a Gandone, concluindo com a frase que esperava pôr fim à conversa.

— A data do casamento foi fixada para o quarto domingo depois de Pentecostes. Tendes muito tempo para organizardes um belo banquete e uma festa que...

— É uma mulher, não é? — interrompeu-o ela.

— Como?

— A pessoa que vais visitar em Veneza. Se fosse um homem, terias dito o nome e o apelido, mas em vez disso falaste sempre «numa pessoa». Portanto, trata-se de uma mulher.

Eis a razão pela qual Mondino não gostava de discutir com as mulheres. Por aquela sua habilidade de andar sempre a descobrir o lado errado de uma questão. Gandone preocupara-se apenas em saber se a viagem imprevista de Mondino a Veneza iria mudar algum dos seus compromissos, e uma vez tranquilizado sobre esse ponto, não se preocupara minimamente com o sexo da pessoa a cuja cabeceira Mondino dissera querer estar. Para Mina, no entanto, parecia a coisa mais importante.

— Mas o que tem isso? — questionou, aborrecido. — Está doente, possivelmente no fim da vida. É o meu dever de médico...

Ouviu o rumor, sentiu o ardor na face, viu a criada fazer o sinal da cruz e só depois se deu conta de que Mina lhe dera uma bofetada. Ainda procurava uma justificação para aquele gesto inaudito e como reagir, quando Mina, calmíssima, lhe disse:

— Deves agradecer-me por esta bofetada.

— Agradecer-te? — A voz saiu-lhe como um resmungo.

— Impedi-te de manchar o dia reservado ao nosso casamento com uma mentira — justificou ela, tranquila, cruzando os braços sobre o peito. — Mas agora pergunto-te de novo: porque te obriga essa mulher a mentir? É assim tão importante para ti?

Sentindo uma desagradável sensação no estômago, Mondino fez um aceno de cabeça à criada, e Mina, sem desviar os olhos dos seus, acrescentou apenas:

— Sai, Francesca.

A mulher hesitou por momentos, como que para decidir a quem deveria obedecer, se ao pai se à filha, mas depois precipitou-se para fora do gabinete. Ouviram os seus passos pelo salão, sem hipótese de ouvir a conversa entre os dois.

— Chama-se Adia Bintaba — disse Mondino. — É alquimista, a sua ajuda foi imprescindível há dois anos, quando aconteceram os delitos do coração de ferro...

— Foram amantes, não é verdade?

— Agora basta! — explodiu Mondino. — Como te permites falar-me assim? Se pensas mandar em mim, como fazes com os criados, enganas-te e muito!

— Mandar? — perguntou Mina. — És tu que parecees querer uma criada em vez de uma esposa. Que é feito de todas as coisas que dissemos durante estes últimos meses?

Mondino dissera-lhe que não desejava uma mulher que se ocupasse unicamente da casa e dos filhos, mas uma companheira que partilhasse com ele preocupações e alegrias e o acompanhasse na passagem turbulenta pela vida.

— Lembro-me bem do que dissemos e não mudei de ideias. O que se passa?

— A partilha só é possível entre duas pessoas em plano de igualdade. Se um for o senhor e a outra a serva, poderá existir paixão, talvez até algum tipo de amor, mas não haverá seguramente partilha.

O tio Liuzzo bem o advertira de que a filosofia não se coadunava com a natureza feminina e que aquela rapariga, que sabia ler e escrever, tinha conhecimentos de música e de poesia e que enfrentava toda a gente com as suas ideias estapafúrdias, não seria uma boa esposa. Mondino nunca o sentira antes, mas agora começava a pensar se o tio não teria razão.

— Mina, não é o momento certo para este tipo de discussão — disse, com secura. — Se quiseres, falamos quando voltar. Agora estou com pressa.

— Responde pelo menos a uma pergunta — insistiu ela. — De todas as vezes que me falaste dos crimes do coração de ferro nunca mencionaste qualquer alquimista árabe, e agora dizes que a sua ajuda foi imprescindível. O que pensarias no meu lugar?

— Pois bem! — respondeu Mondino, desconfiado de que alguém o ouvisse. — Nunca te falei disso antes porque não queria acicatar o teu ciúme, e vejo que tinha razão. Só que agora Adia está muito

doente e vou tentar curá-la, embora, sinceramente, tenha poucas esperanças. Que outra coisa posso fazer? Ficar aqui à espera da notícia da sua morte?

— Tudo bem. Não tenho nada a objetar à vossa viagem.

Mondino ficou de boca aberta.

— Então porque reagistes assim? — perguntou, tratando-a também por você. Se Mina julgava poder assustá-lo utilizando uma linguagem formal, bem se enganava.

— Se me tivésseis dito a verdade desde o princípio, choraria, confesso — respondeu ela, gélida. — Mas não sou egoísta ao ponto de vos querer impedir de tentar salvar a vida de uma pessoa querida. O que me fez sofrer foi o facto de me terdes mentido quando prometemos um ao outro que nunca o faríamos.

Face à sua lógica brilhante, Mondino sentia-se como que encostado à parede. Deu um murro na mesa de cerejeira que fez saltar os objetos que estavam em cima. A dor instantânea que sentiu nos ossos dos dedos teve o poder de o acalmar, impedindo-o de pronunciar as palavras enraivecidas que lhe iam saltar da boca. Permaneceu imóvel por instantes, com o punho apoiado ainda sobre a mesa e o rosto virado para a parede; depois respirou fundo e voltou a encarar Mina.

— Agora tenho de ir — disse, fazendo por manter um tom calmo. — Falaremos quando regressar.

Ela mantinha os braços cruzados sobre o peito, como se quisesse abraçar-se a si própria. Parecia assustada, mas ao mesmo tempo os seus olhos cinzentos ardiavam com um fogo gélido.

— Se tencionardes mentir-me de novo — replicou, impávida —, não vos preocupeis com o regresso.

— Como desejardes.

Mondino fez uma vénia breve, dividido entre a raiva e a dor, e saiu do gabinete em direção à porta da rua, sem olhar para a criada, que correria para o acompanhar, murmurando desculpas em nome da sua senhora.

Assim que se apanhou fora de casa, dirigiu-se a passos largos para o porto de Navile, sem se preocupar com a chuva miudinha que

entretanto recomeçara a cair. Sentia vontade de voltar atrás e pedir desculpa a Mina, implorar o seu perdão por lhe ter mentido. Todavia, continuou a andar sem se virar sequer.

Gerardo de Castelbretonne abriu a porta que dava para o quarto.

— Por momentos fui tentado a mandar tudo para o diabo e ir para Veneza com Mondino — disse, dirigindo-se ao homem vestido de preto sentado no colchão, à espera.

— A lealdade e a amizade são sentimentos que vos honram — respondeu a voz rouca de Michele de Castenaso, o *ministrale*<sup>1</sup> da Corporação dos Franco-Mações.

Quando será que vou poder despir estes fatos ridículos e voltar a ser dono do meu tempo?

Sentia-se estúpido com aquele chapéu redondo, as calças de riscas brancas e azul-celestes, os botins de couro, a túnica branca e a capa de seda azul sem mangas. O que mais o aborrecia era o chapéu, porque estava muito habituado a andar de cabeça descoberta. Tirou-o de repente, libertando os longos cabelos pretos. Michele não podia fazer o mesmo.

— Os fatos servem para passardes melhor por um jovem nobre ocioso — respondeu o cego. — Quanto a voltardes a ser dono do vosso tempo, podereis desistir a qualquer momento, bem o sabeis.

— Não pretendo desistir. Só quero saber quando é que esta história vai chegar ao fim.

Michele de Castenaso pousou as palmas da mão na beira da cama e suspirou.

— Dentro de um dia, de umas três semanas, de três meses... Não faço ideia. Existem demasiadas questões que não dependem de nós. — Passou a mão pela farta cabeleira branca e esticou o queixo na direção da janela fechada. — A propósito, os nossos amigos ainda estarão ali? Vinde aqui ver, por favor.

Gerardo deu dois passos na direção da janela, fazendo ranger as tábuas do pavimento, e aproximou-se das portadas, mantendo-se um pouco escondido, ao lado, para não ser visto da rua.

---

<sup>1</sup>Alto cargo exercido na corporação. (N. da T.)